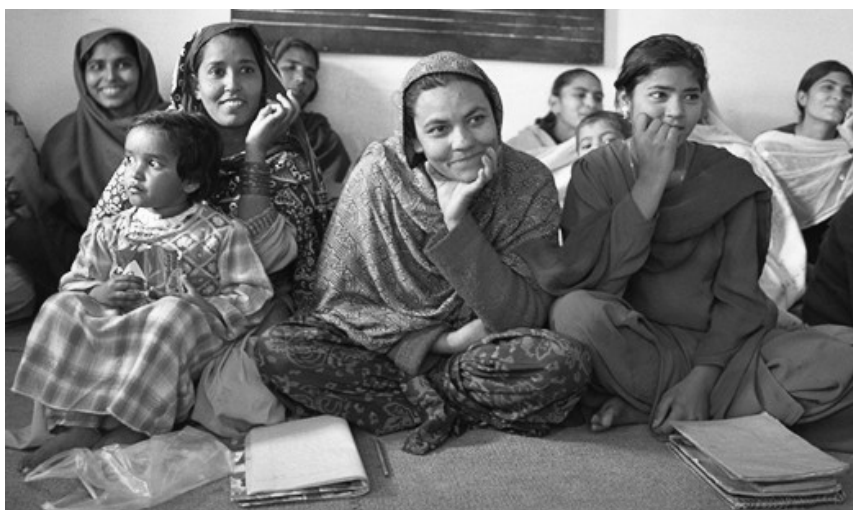


3. Igualdade de Gênero e Educação Básica para Adultos



Educação Básica para Mulheres em Khoj, Paquistão

Este artigo salienta o fato de que as Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs) não abordam diretamente a questão da educação básica e alfabetização de adultos, apesar de estas serem questões fundamentais para se atingir as metas do Milênio. O presente artigo investiga o potencial que a educação básica para adultos, com igualdade de gênero, tem para ser transformadora da vida de indivíduos e grupos que trabalham com questões chave, como violência contra mulheres e HIV/AIDS. O papel dos governos e de outras agências no que diz respeito à igualdade de gênero e à educação básica para adultos também é investigado. O artigo conclui com uma discussão sobre como desenvolver abordagens de mais longo prazo para as questões de igualdade de gênero, educação básica e alfabetização de adultos.

Educação básica para adultos e as Metas de Desenvolvimento do Milênio

Existem quase 800 milhões de adultos analfabetos no mundo, dos quais 64 por cento são mulheres.¹ Concorde-se amplamente que a educação básica para adultos e a alfabetização melhoram o desenvolvimento humano e social e são fundamentais para alcançar as Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs). Apesar disso, as MDMs não enfatizam nem abordam a erradicação do analfabetismo adulto ou o fornecimento de educação básica para adultos e para jovens evadidos da escola. A meta da educação (MDM2) focaliza a educação primária universal. A meta de gênero (MDM3) tem como objetivo a paridade de gênero nos sistemas de educação primária, secundária e superior, mas ignora a educação básica para adultos. Por isso, é preciso urgentemente ampliar a visão dessas duas MDMs para integrar a educação básica para adultos.

O Alfabetização e o Empoderamento de Mulheres

As sociedades têm se tornado cada vez mais dependente da palavra impressa, e as pessoas analfabetas são algumas das mais pobres e menos poderosas no mundo. Grupos e indivíduos marginalizados recebem pouca ou nenhuma educação. Isso afeta especialmente mulheres e meninas pobres que experimentam formas de discriminação e injustiça.

Há uma relação estreita entre a alfabetização, o poder e o empoderamento. Os objetivos da educação básica para adultos e da alfabetização têm sido expressos por um consenso global amplo 'para possibilitar que as pessoas e as comunidades controlem os seus próprios destinos e sociedades'.²

Programa Nacional de Alfabetização na Uganda

Uma avaliação do Programa Nacional de Alfabetização na Uganda mostrou que, dentre os resultados positivos, o que talvez mais se destacou foi o empoderamento ou aumento de auto-estima nos alunos. Uma mulher expressiu isso dizendo que, antes de ingressar num curso de alfabetização, *'costumava falar com as mãos em frente da boca sem olhar para cima, mas agora me sinto forte e livre para falar.'*³

Existem muitas organizações que fornecem serviços de alfabetização e elas recebem recursos de várias fontes. Elas utilizam um leque amplo de metodologias de ensino de habilidades e conhecimentos específicos para fins restritos (por ex. A alfabetização vinculada a programas de geração de renda) até a facilitação da aprendizagem para alcançar um empoderamento mais aprofundado e mudança social. Em outras palavras, a educação básica e a alfabetização não

1 **3. Igualdade de Gênero e Educação Básica para Adultos**, Série Educação e Igualdade de Gênero, Contribuições do Programa, Oxfam GB. Dezembro de 2005

têm de ser restritas a ensinar as pessoas a ler e escrever. Enquanto nem toda a aprendizagem em termos de alfabetização empodera dessa forma, e as mulheres relatam casos em que aulas de alfabetização ficam muito aquém disso, a aprendizagem tem o potencial de *transformar* as vidas das pessoas que vivem na pobreza. Tal transformação pode representar um forte desafio à desigualdade de gênero:

- Pelo próprio processo pedagógico que pode promover o diálogo, apoiando os alunos e estimulando-os a discutir e refletir sobre a sua realidade e as suas raízes.
- Por qualificar os alunos a adquirir informações e reivindicar os seus próprios direitos.

Embora os programas de educação básica para adultos e alfabetização possam empoderar mulheres e meninas, uma ampla avaliação de programas de alfabetização mostra que poucos têm objetivos especificamente relacionados a gênero ou políticas de gênero. Entre os que têm, os objetivos relacionados a gênero abrangem de acesso igual a programas até a transformação das vidas de mulheres fora da sala de aula.

A pesquisa em várias localidades indica que para transformar as vidas de mulheres que vivem na pobreza através de educação básica para adultos e alfabetização com equidade para mulheres, os conteúdos e os processos devem ser dirigidos pelas experiências e as aspirações dos alunos para que eles e elas sintam que são relevantes. Por isso, é necessário um treinamento relevante e contínuo de professores.

A Campanha Alfabetização Total na Índia

Desde o fim da década 80, a ONG Bharat Gyan Vigyan Samiti (BGVS), trabalhava em parceria com o governo nacional da Índia na Campanha de Alfabetização Total, cujo objetivo foi mobilizar as mulheres para se alfabetizar. A campanha, que utilizava mensagens que vinculavam a alfabetização aos problemas básicos de meios de vida, e questões da exploração e preconceitos em relação a mulheres, forneceu novas esperanças e otimismo para milhões de mulheres de todas as classes. Deu às mulheres a sanção social de sair das suas casas e participar das atividades realizadas nas suas vilas. Atualmente, a BGVS está consolidando o seu apoio institucional no âmbito da vila para mulheres que trabalham com grupos de auto-ajuda. Os objetivos desses grupos incluem um foco em atividades para o empoderamento de mulheres, ajudar as mulheres a atualizar as suas habilidades e, através de empreendimentos de micro-crédito, de melhorar o seu *status* dentro da família e na comunidade.⁴

A realidade vivida pelas mulheres

As mulheres analfabetas constituem um grupo muito diverso. O que as mulheres como indivíduos almejam realizar e mudar pela educação variará de acordo com a realidade e o contexto nos quais elas vivem. Os estudos de caso mostram que uma metodologia participativa para a elaboração de programas pode assegurar que os desejos delas compõem uma parte central dos programas de alfabetização.

As mudanças no contexto externo mais amplo – por exemplo, políticas macro-econômicas que envolvem uma redução nos gastos públicos no setor social por causa da dívida externa, ou uma redução nos preços pagos pelos produtos agrícolas que as mulheres produzem – podem ter um impacto direto nas vidas das mulheres. A mudança rápida, por exemplo, por causa da adoção pelo governo de políticas de igualdade de gênero ou devido ao alto desemprego, pode resultar em percepções confusas das divisões do trabalho entre mulheres e homens. Isso pode provocar reações contra a autonomia de mulheres, se, por exemplo, isso cria demandas novas ou diferentes de alfabetização e de aprendizagem organizada.

Cada vez mais mulheres vivem com a realidade do HIV/AIDS. Sabe-se que o nível de educação é um forte indicador de níveis de conhecimento sobre comportamento seguro e maneiras de reduzir as taxas de infecção. Programas de educação para jovens no mundo inteiro estão abordando a prevenção HIV/AIDS com cada vez mais coerência. Porém, na educação básica para adultos o aprendizado e os conhecimentos são fragmentados e dispersos. A educação básica para adultos deve apoiar os alunos ajudando-os a considerar o HIV/AIDS sob as perspectivas pessoais e locais, e é preciso apoiar mulheres na exigência do sexo seguro.

A vulnerabilidade de meninas e mulheres à violência também faz com que elas fiquem mais vulneráveis ao HIV/AIDS. Mulheres e meninas relatam a violência pelo sexo forçado no domicílio, e como resultado de conflitos e guerras. Tais experiências podem ter efeitos profundos na sua auto-estima e perspectivas e, daí na sua capacidade de aprender. Programas de educação básica para adultos e alfabetização devem considerar como apoiar a aprendizagem dessas mulheres, possibilitando que elas reflitam sobre as suas experiências.

HIV/AIDS, gênero e educação básica para adultos na Tailândia

O Programa de Educação sobre AIDS da Universidade de Chiangmai, junto com o Bureau de Educação Básica para Adultos da Ásia e Sul do Pacífico (ASPBAE), vem desenvolvendo um conjunto de ferramentas para promover mais consciência sobre HIV/AIDS e gênero na comunidade. As ferramentas são desenhadas para ajudar as mulheres e os homens a analisar as ligações entre gênero (desigualdades de gênero), desenvolvimento (questões de pobreza e migração) e HIV/AIDS. Elas incluem técnicas para analisar valores de gênero e a seleção de parceiros; o trabalho de mulheres e de homens; comportamentos de risco e conexões entre grupos na comunidade; os papéis de gênero e valores na prevenção e tratamento de HIV/AIDS; e diferenças de gênero no controle e acesso a recursos de prevenção e tratamento de HIV/AIDS.

A pesquisa e a aplicação das ferramentas enfatiza a necessidade de educação básica para adultos e conscientização em relação a HIV/AIDS serem estreitamente ligadas a outras esferas da educação, ação social e mudança estrutural. Também sugere a necessidade de sensibilização às questões de gênero no treinamento de jovens homens e mulheres, bem como para fornecedores de serviços e lideranças de grupos religiosos—sendo todos esses atores chave para possibilitar a igualdade de mulheres.⁵

O que é necessário?

Para garantir que programas de educação básica para adultos integrem a equidade de gênero e reconheçam os impactos locais da pobreza, da discriminação contra mulheres, e do HIV/AIDS, eles devem estar estreitamente ligados à ação social e à mudança estrutural que focalizem medidas para aliviar a pobreza, junto com o seu engajamento com todo o leque de serviços de educação.

É necessário fornecer apoio e treinamento para professores de alfabetização para investigar essas questões, e estabelecer ligações com outros serviços de apoio. Também é preciso o treinamento e a conscientização de treinadores, lideranças jovens e estudantes sobre como as injustiças e relações de gênero prevalentes aumentam a vulnerabilidade de mulheres, especialmente ao HIV/AIDS. Adicionalmente, professores de alfabetização devem poder ajudar não somente mulheres, mas também homens a debater as formas de desigualdade de gênero.

Para desempenhar um papel transformador nas vidas dos alunos, a educação básica para adultos deve ser fornecida por professores capacitados em práticas participativas que integrem mulheres e homens, para que eles possam apoiar os seus alunos, elaborando materiais relevantes à realidade local e escritos em linguagem apropriada para uma diversidade de alunos.

Muitas vezes os programas de educação básica para adultos e alfabetização se restringem ao curto prazo e isso deveria mudar. Em

muitos casos, uma capacitação de curto prazo (por ex. 06 meses) é realizada sem subseqüentemente avaliar o processo para consolidar a aprendizagem e para promover a leitura. Isso pode ter um impacto negativo em mulheres com mobilidade restrita que não conseguem encontrar outra aula ou que têm renda disponível insuficiente para comprar os materiais para-didáticos.

Também é necessário abordar a falta hoje em dia de treinamento para professores e facilitadores, e a escassez de instituições que fornecem treinamento em metodologias de educação básica para adultos que integram o empoderamento. Existem poucas oportunidades ou incentivos para o desenvolvimento de pessoal. Voluntários, normalmente mulheres, costumam receber pouco em termos de remuneração, apesar de seu potencial e de seu compromisso.

O Programa Bolsa Escola no Brasil: empoderamento para mães e mulheres

O Programa Bolsa Escola é reconhecido por seu objetivo de prover uma renda adicional a famílias sob a condição de que mantenham os seus filhos na escola. Entretanto, o programa tem um segundo objetivo, atualmente sendo implementado pela Oxfam GB, junto com a ONG Missão Criança e com o apoio da União Européia, o de empoderar as mulheres dentro da família. O nível de educação de uma mãe, a sua etnicidade, e a sua renda, são todos fatores que estão altamente associados com o desempenho de crianças na escola no Brasil. O programa, chamado 'Educação para Combater a Pobreza' fornece educação para mães e outros integrantes da família, e estabelece incentivos para mães participarem diretamente das reuniões da escola e em conselhos locais de educação. O potencial para a participação de mulheres já existe em alguns contextos, mas inexitem incentivos efetivos para mobilizá-las. Por serem responsáveis por receber e distribuir os benefícios do programa, a auto-estima das mulheres aumenta, bem como a sua influência nos processos de tomada de decisões dentro da família. Neste Programa as mulheres são também responsáveis por acompanhar a freqüência e o desempenho dos seus filhos na escola; e desta forma, o programa está contribuindo para transformá-las em agentes transformadoras das suas famílias e das suas comunidades e a desenvolver habilidades que podem mudar as suas vidas.⁶

Descaso por parte dos governos

Os governos costumam declarar o seu compromisso com a educação básica para adultos e alfabetização – mas, na realidade estas representam uma baixa prioridade na maioria dos casos. A educação básica para adultos costuma receber recursos insuficientes e fica marginalizada nos ministérios. Como resultado, há pouca coesão ou coordenação nos programas de educação básica para adultos. Esse descaso para com a questão por parte dos governos deve ser revertido.

Onde existem, os programas amplos de educação básica para adultos e alfabetização financiados pelos governos são normalmente

fragilizados por serem de curto prazo – são pontuais, sem orçamento ou planejamento para assegurar a sua continuidade. A educação de adultos tem sido abordada por programas pontuais sem coordenação e pelos trabalhos de ONGs e organizações de base. Essas freqüentemente dependem de financiamento de curto prazo.

Este é um contexto nada promissor para desenvolver políticas e práticas de equidade de gênero mais complexas. Para fornecer programas de educação básica para adultos e alfabetização com equidade de gênero, os governos devem garantir que os programas, em vez de serem rígidos e prescritivos, sejam sensíveis a variações no contexto, respeitem diferenças, sejam inovadores e respondam a um leque de desafios à construção da igualdade de gênero. Programas de alfabetização devem funcionar a nível local. Oferecer serviços de apoio descentralizados parece ser a maneira mais bem-sucedida de possibilitar isso, mas eles carecem de recursos adequados. Onde existem, boas práticas estas devem ser sistematizadas e divulgadas.

Os governos devem responder pelo compromisso que declararam. Na maioria dos países, é preciso que haja um arcabouço de políticas para a educação básica e alfabetização de adultos, baseadas nos direitos democráticos que explicitem o compromisso e o papel do setor público. Onde isso existe no papel, deve se fazer um esforço para assegurar que os serviços sejam de fato oferecidos além de um apoio para fóruns e redes fortalecido entre o leque de fornecedores de serviços de educação, para garantir igualdade de gênero.

O papel da sociedade civil

O desafio principal para a sociedade civil é o de fazer trabalho de *lobby* junto com governos através de *advocacy*, campanhas, e o fornecimento de uma abordagem geral de equidade de gênero para *todas as formas* de educação, articulando o foco na educação formal para meninas nas Metas de Desenvolvimento do Milênio com a educação básica para adultos e alfabetização para mulheres.

As ONGs devem chamar a atenção de governos para o potencial de abordagens participativas a educação básica para adultos e alfabetização para alcançar igualdade de gênero e mudança social. Embora dispostos a promover a alfabetização através de parcerias com ONGs, os governos podem retirar o apoio ou até se tornar hostis quando a mobilização para a alfabetização leva uma mobilização social mais ampla de mulheres para reivindicar os seus direitos.

Os movimentos devem fazer o trabalho de *advocacy* para que os governos estabeleçam um arcabouço de políticas baseadas nos direitos e os governos devem garantir que exista um processo para alcançar isso, o que significa construir diálogos com governos.

A sociedade civil pode desempenhar um papel enorme em aumentar a visibilidade da educação básica para adultos e alfabetização e em

garantir que estas sejam oferecidas com equidade de gênero. As ONGs vêm desenvolvendo colaborações, tal como a Campanha Global pela Educação, para pressionar governos a cumprir os seus compromissos. É preciso mais recursos para fortalecer o trabalho de *advocacy* para mudar as políticas públicas para enfrentar a exclusão de gênero na falta de educação para adultos e para promover a educação justa em termos de gênero.

A educação básica e alfabetização de adultos são importantes em si, mas também para outros setores fundamentais como saúde, liderança, e as questões mais amplas do empoderamento de mulheres. Através de mais trabalho de *advocacy*, a educação básica para adultos deve se tornar uma prioridade maior na pauta do movimento feminista e entre as preocupações da sociedade civil geral.

Advocacy pela justiça de gênero na educação

Em 1990 a REPEM (Rede Popular da Educação de Mulheres) lançou uma campanha na América Latina para mudar a imagem de mulheres em programas de educação e nas mídias. Com pouco apoio financeiro ou vontade política e num contexto de machismo a todos os níveis da educação, a campanha trabalhou para influenciar:

- A disponibilidade da educação básica para adultos;
- As cúpulas e congressos do ONU, especificamente o V Congresso sobre Educação para Adultos (CONFINTEA V);
- Movimentos sociais (por ex. O Fórum Social Mundial) e o movimento feminista para os quais a educação não foi, naquela época, uma prioridade.

Daí por diante, a REPEM, tem se transformado numa rede forte e capaz de participar no processo preparatório de cada um dos congressos da ONU a nível local, regional e global. A Rede elabora documentos, revisa atividades em andamento, e monitora a implementação dos acordos assinados por governos e por congressos anteriores. A campanha luta não somente pela inclusão física de mulheres na educação básica para adultos, mas também para reverter à exclusão de mulheres por causa de outras diferenças: idade, classe social, raça, etnicidade ou orientação sexual.⁷

Recomendações

Governos devem priorizar a educação básica para adultos e igualdade de gênero através das seguintes ações:

- Desenvolver um arcabouço de políticas para a educação básica para adultos e alfabetização que faça parte de uma política integrada para educação;

⁷ **3. Igualdade de Gênero e Educação Básica para Adultos**, Série Educação e Igualdade de Gênero, Contribuições do Programa, Oxfam GB. Dezembro de 2005

- Trabalhar junto com as organizações da sociedade civil para elaborar e desenvolver esse arcabouço e as políticas subseqüentes;
- Priorizar os recursos financeiros e humanos para apoiar a implementação de educação básica para adultos e alfabetização de boa qualidade que transforme as relações de gênero;
- Formar relações e programas com doadores que priorizam a educação básica para adultos (por ex.. SIDA, a Agência Sueca para a Cooperação para o Desenvolvimento); e
- Desenvolver recursos humanos e capacidades, junto com recursos adequados, em níveis locais de governo (i.e. treinamentos, desenvolvimento de currículos, pesquisas e sistematização).

Atores da sociedade civil devem melhorar a visibilidade da educação básica para adultos e alfabetização e aumentar o grau de compromisso dos governos por:

- Realizar trabalho de *lobby* por investimentos na educação básica para adultos como uma necessidade fundamental para alcançar todas as MDMs;
- Realizar trabalhos de *lobby* junto com governos e agências financiadoras para desenvolver estratégias para realizar os compromissos em relação à educação básica para adultos a partir do arcabouço de Dakar para Ação pela Educação para Todos;
- Realizar trabalhos de *lobby* para implementar o arcabouço de Beijing para Ação;
- Desenvolver articulações fortes com movimentos feministas e organizações que montam campanhas sobre HIV/AIDS e os vários aspectos de pobreza.

Educadores de adultos e as organizações da sociedade civil precisam se juntar para desenvolver práticas de gênero transformadoras através de uma ampliação do conceito de alfabetização de meramente aprender a ler e escrever para aprender e desenvolver habilidades para ação social e empoderamento de mulheres. Eles precisam montar mais campanhas para promover um treinamento mais criativo e mais participativo de treinadores, com ações de pesquisa ligadas às necessidades locais em termos de gênero, e sistematizar as boas práticas para melhorar o conhecimento de como a alfabetização é desenvolvida em contextos sociais diferentes e por ações diversas.

Notas

(Para todos os *papers* de Além do Acesso e o boletim *Equals*, ver www.ioe.ac.uk/efps/beyondaccess)

¹ UNESCO (2005) 'Education for All – Literacy for Life' EFA Global Monitoring Report 2006'. Paris: UNESCO.

² V Congresso Internacional sobre a Educação para Adultos (CONFINTEA V), Declaração 5, www.unesco.org/education/uie/confintea/documents.

³ A. Lind (2004) 'Reflections on Gender Equality and National Adult Basic Education', Seminário Além do Acesso 4.

⁴ K. Srivastava (2004) 'Community Mobilisation, Gender Equality, and Resource Mobilisation in Adult Basic Education', Seminário Além do Acesso 4.

⁵ U. Duongsaa (2004) 'Development, Gender, HIV/AIDS, and Adult Education', Seminário Além do Acesso 4.

⁶ L. Palazzo (2005) 'Bolsa Escola, Brazil: Enabling Enrolment and Empowerment'. Boletim *Equals* 11.

⁷ C. Eccher (2004) 'Gender and Education: History of Some Struggles', Seminário Além do Acesso 4.

Foto da capa: Annie Bungeroth

© Oxfam GB, Dezembro de 2005

Este artigo foi produzido pelo Projeto Além de Acesso e faz parte de uma série de artigos escritos para informar sobre o debate público sobre questões de desenvolvimento e humanitárias. O texto pode ser usado gratuitamente com os objetivos de *advocacy*, campanhas, educação e pesquisa, desde que as fontes sejam mencionadas por completo. O detentor dos direitos de cópia requer que todo uso seja registrado com o objetivo de avaliação de impacto. Para copiar em quaisquer outras circunstâncias, ou para reutilização em outras publicações, ou para tradução ou adaptação, a permissão deve ser garantida e uma taxa poderá ser cobrada. E-mail: publish@oxfam.org.uk.

Para mais informações sobre Projeto Além de Acesso, acesse:
www.ioe.ac.uk/efps/beyondaccess

Para comentários sobre as questões levantadas neste *paper*, por favor envie um e-mail para:

beyondaccess@oxfam.org.uk

Outros documentos desta série podem ser encontrados em:

Oxfam GB

A Oxfam GB é uma organização humanitária, de desenvolvimento e campanha que trabalha com outros para encontrar soluções duradouras para a pobreza e o sofrimento pelo mundo. A Oxfam GB é membro da Oxfam Internacional.

Oxfam House
John Smith Drive
Cowley
Oxford
OX4 2JY

Tel: +44.(0)1865.473727
E-mail: enquiries@oxfam.org.uk
www.oxfam.org.uk